

PREFÁCIO

INSÓLITO JEITO DE FAZER-CIÊNCIA-JUNTO E CONTRIBUIÇÕES PARA VER O MAR

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
- Me ajuda a olhar!*

EDUARDO GALEANO¹

A responsabilidade e a honra de escrever o prefácio desta obra provocaram o reencontro destas duas professoras aparentemente distantes na extensão do Brasil. O meridiano que nos une, e onde as marés e os ventos foram mais favoráveis para esta escrita, é o que interliga as águas de Fortaleza às da Ilha de Santa Catarina.

Estivemos lado a lado, pela primeira vez, numa Mesa Redonda sobre “*Mídia-Educação e Mediações Culturais: aspectos teórico-metodológicos*” realizada nas atividades do GTT de Comunicação e Mídia, durante o XVI CONBRACE - III CONICE (Salvador/ 2009), evento promovido pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Dialogamos naquele dia, dentre outras questões, sobre a **importância de aprender a olhar**. Interligando ciência e

1 GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. 2ed. Porto Alegre – L&PM, 2009.



literatura, fomos conversando com os estudantes e professores que, vindos de diferentes cantos do Brasil e do mundo, enchem a sala com suas inquietações intelectuais. O texto acima, a “Função da Arte” de Eduardo Galeano, foi uma das imagens que compartilhamos com o grupo, quando sentimos, vibrando entre todos, a cumplicidade na tarefa de, em nossos trabalhos de educação e pesquisa, ajudarmo-nos, uns aos outros, a olhar.

Existem pessoas que sobem alturas de areia, pisam no asfalto quente das praças públicas, mergulham na análise do ciberespaço, de horas e horas de TV e de pilhas de jornais e revistas, nos movimentos e vozes das escolas, investigando o mundo fora da universidade, e fazem isso juntas, integradas e comprometidas. O Laboratório de Mídia (LaboMídia) do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é exemplar nesse sentido.

As produções reunidas neste livro - **Novas Contribuições do LaboMídia/UFSC à pesquisa em Mídia-Educação (Física)** - organizado por Giovani De Lorenzi Pires e Paula Bianchi, oferecem uma preciosa e rara possibilidade de aprender a ver. O trabalho é fruto de uma insólita maneira de produzir ciência-junto: orientador e orientandos, como co-autores, ativos e engajados numa produção científica que inspira novas práticas e usos sem ser utilitária, e que descortina horizontes de transformação ao mesmo tempo que mantém os pés na realidade da escola e da sociedade contemporânea.

Há que se destacar a atuação do professor Giovani, que acolhe seus orientados num incondicional compartilhamento de saberes, conduta esta que nos inspira continuamente. A qualidade de seu trabalho de formação de pesquisadores é reconhecida nacionalmente, e hoje conta pontos no currículo dos jovens mestres e doutores o fato de terem sido egressos da “escola do LaboMídia”, que é garantia de segurança teórico-metodológica e compromisso ético-acadêmico. Outra forte característica do grupo, do qual Paula Bianchi também é membro atuante, é a presença constante e coletiva nos eventos acadêmicos nacionais e internacionais, sinal de empenho na socialização e no debate dos resultados das pesquisas. Giovani faz parte da trajetória de cada autor presente nesta coletânea, representando uma geração de professores-pesquisadores engajados na relação Mídia e Educação (Física) em diversas realidades educativas.



Mais do que apresentar as contribuições de uma tese de doutorado, nove dissertações de mestrado e três projetos PIBIC/CNPq, todos defendidos de 2009 a 2012, esta coletânea soma-se as incontáveis contribuições do LaboMídia, confirmando seu papel como um dos principais grupos de pesquisa sobre Mídia-Educação (Física), referência nacional de formação acadêmica, produção científica e intervenção educativa nesta temática. Ler o livro é como estar diante de um mar de ideias provocativas e fenômenos sociais e culturais pulsantes que seus autores, com generosidade pedagógica e a bússola segura de teorias e métodos adequados, nos ajudam a olhar.

Os temas aqui tratados, ainda que com um endereçamento vigoroso aos pesquisadores e professores de Educação Física, e mantendo todo o rigor específico da área de pesquisa, têm muito a dizer a um público muito mais amplo. Por exemplo: O que é ser brasileiro? As imagens do futebol na TV são pistas inescapáveis para se pensar sobre isso. Qual o papel da mídia na consolidação da identidade do futebol brasileiro como elemento fundamental da nacionalidade? Que espaço têm os jovens na cidade? Para onde podem crescer, explorar suas possibilidades de movimento, encontrar seus amigos, jogar bola, ouvir música, e ensaiar percursos, se os espaços públicos são cada vez mais proibidos, perigosos ou abandonados? Como podemos qualificar teoricamente a discussão tão recorrente na mídia sobre “o legado dos megaeventos” para o país?

Os estudos exploram com pertinência toda uma variedade de metodologias, como a pesquisa-ação, a etnografia, os estudos de recepção, análises de conteúdo e de discurso e semióticas de jornais, revistas, programas de TV, charges jornalísticas. Mantêm uma postura cuidadosa e rigorosa nas análises, sem hesitar em assumir posições públicas claras a partir de seus achados, denunciando, por exemplo, as estratégias de marketing tão presentes no discurso midiático sobre o esporte, o corpo e a saúde.

Fernando Bittencourt, em sua tese de doutorado, apresenta uma pesquisa etnográfica sobre o processo de seleção de atletas, descrevendo as diferentes maneiras de recrutar jogadores de futebol e discutindo os limites da ciência para a detecção dos “talentos”. Ana Rotta, Fábio Messa, Daniel Souza, Angélica Silva, André Quaranta, Victor Azevedo, Rodrigo Ferrari,



Verônica Piovani e Gilson Cruz Junior defenderam dissertações que nos ensinam a olhar: os jovens nas praças públicas experimentando os espaços de lazer e a prática social; as charges jornalísticas de futebol nos veículos impressos da Grande Florianópolis; um suplemento jornalístico voltado à escola que se mostra mais como marketing institucional do que como mídia-educação; a possibilidade de os jovens ao mesmo tempo aceitarem e problematizarem o que veem nas mídias sobre saúde e atividade física; a necessidade de pontes entre os estudantes de Educação Física via EAD e as culturas das escolas; os jogos eletrônicos e Educação; a gestão da informação e conhecimento na Rede CEDES (RIRC), os intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do Plano CEIBAL e do PROUCA, como ainda, as experiências culturais eletrolúdicas.

Quanto aos projetos de PIBIC/CNPq, três jovens, Bianca Poffo, Lyana Miranda e Angelo Bruggemann, brindam-nos com suas pesquisas sobre megaeventos e o discurso midiático dos legados do PAN Rio/2007; a reconstrução da imagem/identidade da seleção brasileira de futebol na era pós-Dunga e a consolidação da nova imagem/identidade da seleção brasileira de futebol na mídia com a aproximação da Copa/2014 no país.

Não é possível pensar em fazer educação, hoje, ignorando a força das imagens e narrativas midiáticas que nos envolvem, comovem, distraem, inquietam, sinalizam e ensinam. Também não é possível pensar em educar, hoje, deixando de lado o potencial criador de imagens e narrativas que está ao nosso alcance e sobretudo ao alcance dos jovens. Se a mídia-educação envolve fruir, criar e também ler criticamente o cenário textual à nossa volta, não é igualmente possível educar sem estudar referenciais críticos sólidos e originais para aprender a olhar a cultura contemporânea, como estes que as pesquisas do LaboMídia aqui nos oferecem.

Muitos professores de Educação Física, bem como muitos educadores em geral, ainda desconhecem ou pouco aproveitam o mar de possibilidades e recursos de uma aproximação metódica, corajosa, crítica e criativa às linguagens e sentidos das mídias, incluindo a reflexão sobre seu poder em nossas vidas, um poder cujo fulgor pode ser ofuscante. Estejamos abertos às novas e insólitas contribuições para ver o mar midiático, e para entender um pouco melhor



nosso papel em relação a ele, que esta obra traz à Educação, especialmente à Educação Física e à Mídia-Educação. Naveguemos junto com os pesquisadores do LaboMídia, rumo a novos e necessários horizontes.

Florianópolis/SC-Fortaleza/CE, agosto/2012.

GILKA GIRARDELLO

*Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte
Centro de Ciências da Educação*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

TATIANA PASSOS ZYLBERBERG

*Laboratório de Estudos das Possibilidades de Ser (LEPSE)
Instituto de Educação Física e Esportes*

Universidade Federal do Ceará (UFC)